

Contacto e variação em caboverdiano: uma questão de tempo

Fernanda Pratas¹

Centro de linguística da Universidade de Lisboa

Resumo

Este artigo foca-se num fenómeno particular de variação morfossintática em cabo-verdiano: a expressão do passado no progressivo e no habitual. A descrição dos dados relevantes e as questões levantadas, no âmbito das hipóteses teóricas que localizam as fontes de variação linguística no domínio funcional da frase, desafiam a universalidade da projeção sintática de Tempo, TP. Quanto a este último ponto, a proposta ainda em fase de elaboração é que, até ao momento, tudo parece assinalar um *continuum* linguístico, no qual as duas variedades em análise assumem posições distintas: numa delas, a de Barlavento, não existe evidência empírica a justificar essa projeção; na outra, a de Sotavento, essa evidência parece resumir-se ao morfema de passado *-ba*. O trabalho em curso deverá mostrar, num futuro próximo, se esta hipótese está no caminho certo.

Palavras-chave: cabo-verdiano, variação dialetal, expressão do passado, projeção de TP.

1. Introdução

A expressão de tempo nas línguas naturais é um dos tópicos mais estimulantes na investigação em linguística, não só por envolver complexas relações ao nível da morfossintaxe e da semântica, mas também porque sugere questões de fundo que se estendem aos campos da filosofia e da antropologia: em que consiste o tempo de que falamos? deve ser medido em pontos ou em intervalos? o passado existe fora da nossa memória? e o presente, é real, mesmo se, quando pensamos nele, já foi? onde entra o futuro nesta conversa? é um tempo ainda por cumprir? uma abstração que nos guia e confunde?² E a nossa consciência do tempo é condicionada culturalmente? o que significa, quanto à nossa visão do mundo, medir o tempo em minutos ou em estações das chuvas?³ Para efeitos deste trabalho, na verdade, serve a definição do

¹ Investigador FCT, com o projeto *LUDVIC – Language Unity and Diversity: Variation In Capeverdean and beyond* (IF/00066/2015).

² O leitor interessado numa introdução às questões filosóficas relacionadas com tempo pode começar por aqui: <http://www.iep.utm.edu/time/>

³ O leitor interessado numa síntese de diversas abordagens antropológicas do tempo (incluindo as de Durkheim, Evans-Pritchard, Lévi-Strauss, Geertz, Piaget, Husserl e Bourdieu) pode começar pelo livro seminal de Alfred Gell, *The Anthropology of Time: Cultural Constructions of Temporal Maps and Images*, primeiro publicado em 1992, pela editora Berg (Oxford, UK / Providence, Rhode Island).

tempo como uma estrutura geral dos eventos, o que já traz complicações suficientes. De acordo com esta noção, o tempo apresenta as seguintes propriedades (cf. a referência indicada na nota 2): (a) para cada evento, o tempo fixa quando é que ele ocorre; (b) para cada evento, define a sua duração; (c) para cada evento, define que outros eventos ocorrem simultaneamente; (d) para cada par de eventos não-simultâneos, define qual ocorre primeiro; (e) pode ser representado por uma seta que se dirige dos eventos passados para os eventos futuros.

Os desafios teóricos aqui implicados tornam-se ainda mais salientes quando nos propomos descrever e analisar, numa perspetiva formal, fenómenos específicos relacionados com a expressão de tempo numa língua ainda pouco estudada e compreendida, como a que é objeto deste trabalho e que a seguir apresento brevemente.

1.1 *A língua em estudo*

O cabo-verdiano é uma língua crioula de base lexical portuguesa, que tem duas variedades dialetais tradicionalmente reconhecidas, associadas às duas ilhas mais populosas da República de Cabo Verde: a variedade de Sotavento, que surgiu a partir do século XVI na ilha de Santiago (Jacobs 2010, e referências aí incluídas), e a variedade de Barlavento, que se desenvolveu, entre outras ilhas do norte do arquipélago, também na ilha de São Vicente, a partir do início do século XIX, quando a primeira comunidade de falantes aí se terá fixado (Swolkien 2014, e referências aí incluídas). A capital da ilha de Santiago, também capital do país, é a cidade da Praia, e a capital da ilha de São Vicente é a cidade do Mindelo, representadas no seguinte mapa.⁴



⁴ Este mapa está disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=32235507>

Figura 1. Mapa de Cabo Verde

Ambas as variedades são faladas também em outras ilhas, mas os dados aqui apresentados são provenientes destas duas.⁵ Quanto à localização de outras eventuais variantes para os significados aqui em análise, só poderemos ter uma proposta depois de elas terem sido registadas e devidamente estudadas.⁶

Este artigo tem assim dois objetivos principais: (i) apresentar a descrição comparativa de um caso específico de variação linguística em cabo-verdiano – a expressão do passado no progressivo e no habitual, e (ii) levantar algumas questões relevantes sobre a universalidade da projeção sintática de Tempo, TP.

1.2 *Qual é o tempo/tense de que falamos?*

Mesmo garantindo que não estamos aqui a falar da noção de tempo no sentido, em inglês, de *time* (que envolve todas as propriedades anteriormente enumeradas), mas sim de *tense* (que se refere apenas à localização dos eventos no passado, presente ou futuro, uma vez que as outras relações são de natureza aspetual), torna-se necessário fazer uma clarificação importante. Em muitas línguas naturais existem itens (tipicamente, morfemas funcionais) exclusivamente dedicados à expressão de tempo, neste sentido de *tense* em inglês. Por vezes, essas unidades não são lexicalizadas, ou são no para um dos tempos e não para outros (como é o caso do que aqui designamos por variedade de Santiago, em que apenas o afixo verbal *-ba*, associado a construções no passado, parece ser um marcador morfológico de tempo). Em qualquer desses casos, os traços de tempo podem nelas surgir codificados de uma forma que significa, por exemplo, não-futuro (isto acontece, segundo Matthewson 2006, com um morfema nulo em *st'át'imcets* – Lillooet Salish, uma das línguas nativas do Canadá –, que assinala um valor temporal de presente ou passado). Assim, no caso destas línguas que dispõem de unidades, lexicalizadas ou nulas, cuja única função é expressar *tense*, espera-se que as análises sintáticas no quadro teórico da gramática generativa, também assumido no presente artigo, localizem cada um desses itens no núcleo de uma

⁵ Focando-se num fenómeno particular de variação morfossintática nestas duas variedades, este trabalho não analisa os abundantes casos de variação morfofonológica também existentes na língua.

⁶ Os estudos da gramática do cabo-verdiano têm conhecido uma evolução encorajadora, com numerosos artigos e teses recentes focados em diversas estruturas, sob diferentes abordagens teóricas. Isto inclui, precisamente, as estratégias para a expressão de tempo e aspeto, descritas em trabalhos como os de Silva (1985, 1990), Suzuki (1994), Baptista (2002), Tavares (2012) e Swolkien (2014), entre outros. Ainda existem, porém, muitos aspetos da língua que continuam totalmente por analisar.

projeção funcional dedicada: Tense Phrase (TP). Paralelamente, a posição de especificador de TP pode ter outras funções sintáticas associadas, tais como a atribuição de caso nominativo, pelo que esta projeção pode ainda ser motivada por razões relativamente laterais à expressão gramatical de *tense*. Ora o que está em discussão no ponto (ii), acima, é a universalidade desta projeção na sintaxe, na sequência de outros trabalhos que argumentam, para outras línguas, a sua ausência da estrutura funcional (Bittner 2005 sobre o kalaallisut; Lin 2010, 2012 sobre o mandarim⁷; Tonhauser 2011 sobre o guarani do Paraguai; Ritter & Wiltschko 2014 sobre diferentes línguas nativas da América). Não se trata, portanto, de avaliar se esta língua em concreto tem ou não a categoria semântica de *tense*, no sentido de ter disponíveis as noções de passado, presente e futuro. Os falantes de cabo-verdiano, em qualquer uma das suas variedades, e tal como acontece presumivelmente com os falantes de qualquer língua natural, entendem-se quanto à localização temporal das eventualidades que descrevem relativamente a um ponto de perspectiva (tipicamente, o instante da enunciação). Isto significa que também a sua língua lhes oferece estratégias (muito interessantes, como veremos) para a codificação semântica de *tense*. O que pode não se verificar – e é este ponto que vai ser discutido neste artigo quanto à variedade de São Vicente (que não dispõe do morfema *-ba*) – é a existência de uma unidade morfológica, seja ela lexicalizada ou nula, exclusivamente dedicada à codificação sintática de *tense*, sendo assim os valores de passado, presente ou futuro expressos através de combinações linguísticas que envolvem morfemas de modo, morfemas de aspeto, advérbios ou outros itens na frase e/ou no contexto discursivo, e, ainda, inferências pragmáticas. Neste caso, parece razoável questionar a obrigatoriedade de T no domínio sintático, sendo então necessário apenas verificar se a língua em estudo apresenta ou não evidência empírica quanto à existência de uma projeção TP por outras razões (atribuição de caso nominativo, por exemplo).⁸

⁷ Lin mantém que não existe evidência para uma projeção sintática de tempo em mandarim apesar dos argumentos em Sybesma (2004), argumentos estes de facto pouco convincentes, por assentarem basicamente na ideia de que, se essa projeção existe noutras línguas, deve existir em mandarim.

⁸ Numa linha de raciocínio idêntica, também a propósito de tempo no sentido semântico vs. tempo no sentido morfossintático, Ritter & Wiltschko (2014:1339 n11) dizem: “O que falta ver é como é que deve ser modelada a relação entre padrões semânticos de interpretação temporal e padrões morfossintáticos de marcação de tempo.”

Uma vez clarificada esta questão, apresento a estrutura deste texto. A secção 2 expõe os três pressupostos teóricos que servem de orientação a este trabalho. A secção 3 resume algumas propostas anteriores sobre as projeções de tempo, modo e aspeto na variedade do cabo-verdiano falada em Santiago, a única para a qual foram avançadas análises sintáticas formais quanto à estrutura funcional da frase: em 3.1 são sintetizadas as propostas de outros autores; em 3.2 teremos uma síntese de diversos passos da minha própria análise até ao momento. A secção 4 introduz os dados relevantes da variedade falada em São Vicente, que estão descritos em Swolkien (2014) e que constituem o ponto de partida para futuro trabalho de campo; eles são aqui apresentados numa perspetiva comparativa com os da variedade de Santiago. A secção 5 traça uma hipótese quanto à análise integrada destes dados; espera-se que esta proposta venha a ser confirmada e desenvolvida em futuros trabalhos de investigação. A secção 6 enuncia as questões que ficam, para já, claramente em aberto.

2. Pressupostos teóricos

A abordagem biolinguística da linguagem assenta na hipótese controversa resumida em Berwick & Chomsky (2010): “um pequeno grupo de homínídeos na África oriental sofreu uma mutação menor” que resultou numa “linguagem do pensamento”; num estágio posterior, depois de diversas interações complexas que envolvem o carácter estocástico da evolução enquanto processo de seleção natural, esta linguagem do pensamento foi ligada ao sistema sensorio-motor, que permitiu a sua externalização. Os resultados desta ligação “parecem ser altamente diversos, mas têm uma unidade essencial” (Berwick & Chomsky 2010:40-41). Nas palavras de Fitch (2011:385), “as línguas particulares correspondem a soluções específicas para as restrições impostas pela biologia humana à aquisição da linguagem e à mudança histórica.” Nesta perspetiva, algumas generalizações interlinguísticas podem trazer um contributo importante para esta discussão. E estas generalizações, por seu lado, dependem do conhecimento adequado sobre o maior número possível destas línguas particulares.

A presente investigação sobre uma “língua particular” conta ainda com três pressupostos como ferramenta de trabalho. O primeiro, de natureza empírica, é que a variação linguística envolve “maneiras alternativas de dizer a mesma coisa” (Labov 1969:738, n20). Trata-se de uma afirmação aparentemente trivial, que, no entanto, traz consequências fundamentais ao nível do registo e descrição dos dados: assumir

que, antes de qualquer análise gramatical de duas expressões que consideramos equivalentes, temos de garantir que elas querem de facto dizer a mesma coisa torna indispensável a planificação de tarefas específicas para confirmação desse significado. No caso em estudo neste trabalho, por exemplo, é preciso verificar se as diferentes expressões que venham a ser descritas como tendo um valor de progressivo ou de habitual (sendo, assim, analisadas como formas alternativas de dizer a mesma coisa) não têm, em certos casos, uma interpretação aspetual diferente. Esta verificação pode ser feita com recurso a estratégias de elicitación mais elaboradas (que incluam a descrição de um contexto no qual se espera que a frase alvo seja produzida pelo falante) e/ou a formulação de juízos sobre a aceitabilidade de certas construções, também em certos contextos (cf. Matthewson 2004, sobre trabalho de campo em semântica).

O segundo pressuposto é de natureza teórica e consiste sumariamente na proposta que ficou conhecida como a conjectura Borer-Chomsky (assim formulada em Baker 2008, a partir de afirmações em Borer 1984 e em Chomsky 2001): “Todos os parâmetros de variação são atribuíveis a diferenças nos traços de itens específicos (isto é, os núcleos funcionais) no léxico” (Baker 2008:156). Esta abordagem lexicologista da linguagem tem atualmente numerosos adeptos entre os linguistas de tradição generativista, mas conta também com alguns oponentes (por exemplo Boeckx 2015 – que argumenta longamente contra o que ele chama ‘lexicocentrismo’, um obstáculo interno à teoria generativista no caminho para a adequação explicativa quanto à linguagem –, entre outros).⁹ A preocupação fundamental neste projeto reside na correta descrição dos dados do cabo-verdiano, também de forma a que no futuro seja possível usá-la ao serviço de outras propostas teóricas; uma vez que esta abordagem lexicologista da variação dialetal favorece, para já, este objetivo quanto à descrição dos dados (podendo a camada que diz respeito à análise vir a ser dispensada ou adaptada), parece adequado tê-la como uma das ferramentas de trabalho no presente contexto. Ora o progressivo e o habitual são, em cabo-verdiano, categorias que garantem o

⁹ Chomsky define três níveis de abordagem no que respeita ao trabalho em linguística: (i) uma gramática que procura a adequação descritiva está preocupada em dar uma descrição correta das intuições dos falantes; ou seja, está focada no output do dispositivo; (ii) uma teoria linguística que procura a adequação explicativa está preocupada com a estrutura interna do dispositivo; isto é, pretende encontrar uma base de princípios, independente de qualquer língua em particular, para a seleção da gramática descritivamente adequada de cada língua (Chomsky 1965:63, tradução minha); (iii) um terceiro nível fica além da adequação explicativa (“beyond explanatory adequacy”), perguntando, não só quais são as propriedades da linguagem, mas porque é que elas são como são (Chomsky 2004:105).

recurso a núcleos funcionais lexicalizados (outras combinações de tempo e aspeto podem ser obtidas com a forma nua do verbo + outros elementos na frase e/ou no contexto discursivo). Assim, as diferentes formas linguísticas em questão serão futuramente investigadas do ponto de vista dos seus traços sintáticos, tentando averiguar qual a responsabilidade dos mesmos nesta variação.

O terceiro pressuposto relaciona-se com o segundo: a variação intra-individual pode envolver uma subespecificação no mapeamento entre categorias funcionais e formas morfológicas (Adger & Smith 2010). Por outras palavras, pode dar-se o caso de uma determinada categoria funcional ter mais do que uma forma morfológica atribuída e ser legítima a opção por uma ou por outra, o que resulta em variação linguística. Saber como é que os falantes elegem uma ou outra variante é um outro tópico digno de estudo, ainda mais interessante quando as variantes disponíveis estão mais próximas ou mais afastadas da língua do colonizador.¹⁰

3. Propostas anteriores sobre tempo, modo e aspeto na variedade de Santiago

Esta secção resume as ainda relativamente escassas análises da expressão de tempo, modo e aspeto nesta língua crioula de base lexical portuguesa. Em 3.1 são apresentadas duas propostas de outros autores, e em 3.2 focarei os diferentes passos da minha própria análise também para esta variedade do cabo-verdiano, uma vez que será ela a base para o estudo comparativo da variedade de São Vicente.

3.1 Uma estrutura funcional complexa

Em Baptista (2002) encontramos uma das primeiras análises específicas para a estrutura funcional da frase na variedade cabo-verdiana de Sotavento. Partindo da descrição de diversos dados empíricos, esta proposta inclui diferentes nós sintáticos: para concordância verbal (AgrP), aspeto (AspP), modo (MoodP) e tempo (TP). No entanto, e conforme foi observado em Pratas (2007), verifica-se em Baptista (2002) um contraste entre, por um lado, a descrição detalhada dos dados, no capítulo 4, que aponta as diversas interdependências dos verbos e dos diferentes morfemas funcionais, e, por outro lado, a proposta daquela estrutura funcional complexa, nos capítu-

¹⁰ Este tópico das atitudes linguísticas como possível fator nas escolhas dos falantes irá ser abordado também ao longo do projeto LUDVIC, mas é deixado de fora deste artigo.

los 6 e 7, em que o morfema pré-verbal *ta* aparece sob a etiqueta Asp na página 165 e sob a etiqueta Aux na página 200, exatamente para a mesma frase, *Joao ta staba ta kumeba* ‘Joao would have been eating’ (tradução da autora). Note-se que a tradução de Baptista (2002), correspondente em português a algo como ‘O João teria estado a comer’, apoia-se na ideia de que, sendo esta frase bi-oracional – com *sta* como verbo da primeira oração e *kume* como verbo da segunda –, o segundo conjunto *ta V-ba* tem um valor de anterioridade em relação ao denotado pelo primeiro. Ou seja, esta interpretação merecia uma discussão quanto à possibilidade de termos aqui os efeitos de uma sequência temporal (SOT, de *sequence of tense*).¹¹ No entanto, os falantes consultados em Pratas (2007) não tinham esta interpretação disponível para esta frase. Independentemente de se tratar de uma estrutura bi-oracional (parece realmente ser este o caso, devido à ocorrência de alguns advérbios entre os dois verbos, além da dupla marcação de passado), o relevante para o presente artigo é que as interpretações a que tive acesso foram de passado habitual ou de condicional: ‘O João estava a comer [habitualmente]’ ou ‘O João estaria a comer’ (traduções minhas).

Em Alexandre (2009), a proposta quanto à estrutura funcional na mesma variedade é mais simplificada, mas inclui TP e AspP, com base no argumento de que o “CVC [Crioulo de Cabo Verde] parece ter marcadores aspetuais (e.g., *ta* para imperfeito, \emptyset para perfeito, *sa ta* para progressivo, etc.) e um marcador temporal *-ba* (para tempo anterior ou passado)” (Alexandre 2009:23, tradução minha).¹² Em Alexandre *et al* (2013), num estudo sobre o movimento do verbo em cabo-verdiano e em kriyol (crioulo da Guiné-Bissau), também se defende que a estrutura funcional em questão inclui TP e AspP. Os autores afirmam que “a informação aspetual é proeminente nas línguas crioulas”.¹³

3.2 Núcleo T, de temporal

Ainda sobre a variedade de Santiago, Pratas (2007) discorda das propostas de Baptista (2002) sobre o movimento do verbo e, em geral, sobre a estrutura funcional da

¹¹ Para uma análise de contextos deste tipo em orações completivas noutras línguas, ver Stowell (1996), Enç (1987) e Zagona (2002), bem como Ogihara (1995) e (Kratzer 1998).

¹² Original inglês: “CVC seems to have aspectual markers (e.g., *ta* for imperfective, \emptyset for perfective, *sa ta* for progressive, etc.) and a temporal marker *-ba* (for anterior or past tense)” (Alexandre 2009:23)

¹³ Original em inglês: “aspectual information is prominent in Creole languages.”

frase.¹⁴ Em alternativa, a análise então delineada apontava uma estratégia composicional para a construção da referência temporal: “na maioria das frases em cabo-verdiano, Tempo e Aspeto, e também Modo, não são exclusivamente garantidos por morfemas funcionais, sendo antes derivados da interação de diferentes itens, tais como os verbos marcados por estes TMAs, expressões adverbiais, orações temporais e informação discursiva, que funcionam em conjunto e condicionam todo o significado” (Pratas 2007:43).¹⁵ Assim, e mais concretamente quanto à estrutura sintática, a proposta é que os morfemas que contribuem para marcar tempo, modo e aspeto são núcleos que surgem em adjunção sob a etiqueta T, de “temporal”.¹⁶ Esta decisão foi motivada por parecer na altura muito difícil definir os valores específicos de cada morfema: *sata* parecia nitidamente ser um marcador de aspeto, mas *ta* parecia mais ser um elemento modal, e quanto a *-ba*, embora parecesse tempo, também ocorria em contextos em que isso não era tão claro.

Neste sentido, a interpretação da forma nua dos verbos aí apontada foi desenvolvida nos trabalhos seguintes (Pratas 2010, 2012a, 2014). Esta proposta confirma a existência de um morfema zero (ou nulo), que, em combinação com os diferentes predicados, dá origem à leitura temporal das frases em questão. Um traço importante desta análise, no entanto, é que esse morfema zero, em vez de marcador de aspeto perfeito, passa a ser um elemento que garante às formas verbais nuas leituras equivalentes ao Perfeito do inglês.^{17, 18} Assim, as formas nuas dos verbos eventivos antes

¹⁴ As duas outras propostas acima referidas não foram aí consideradas, uma vez que são posteriores.

¹⁵ Original em inglês: “in most Capeverdean sentences Tense and Aspect, and also Mood, are not exclusively provided by functional morphemes, but rather they are derived from the interaction of different pieces, such as the verbs that these TMAs are marking, adverbial expressions, temporal clauses and discourse information, which work together and condition the whole meaning.”

¹⁶ Esta afirmação consiste, muito grosseiramente, na paráfrase de: “syntactic Tense features and also morphological markers for Tense and Aspect (TMAs) may be accommodated by T alone [...] each of these markers may surface in one of the multiple adjoined heads under the label T” (Pratas 2007:44)

¹⁷ Esta análise contraria a proposta de Bickerton (1981, 1984) de que as línguas crioulas apresentam um conjunto prototípico de traços comuns que dá conta, entre outros factos, da leitura de presente para as formas nuas dos verbos estativos e da leitura de passado para as formas nuas dos verbos eventivos.

¹⁸ Um morfema nulo com leitura de perfeito também foi proposto em van de Vate (2011) para o saramacano. No entanto, embora existam algumas semelhanças significativas entre as duas línguas crioulas, existem também diferenças importantes quanto ao seu sistema de tempo e aspeto. Por exemplo, van de Vate (2011) mostra que em saramacano os verbos não marcados não-estativos têm uma leitura de ‘experiential perfect’ e os não marcados estativos podem ter uma leitura de ‘universal perfect’ (p. 48). Isto não se aplica ao cabo-verdiano, uma vez que, nesta língua: (i) os estados com verbos de cópula, como *e altu* ‘ser alto’, nunca podem ter uma interpretação de perfeito, qualquer que seja (note-se, além do mais, que aqueles diferentes ‘perfeitos’ foram propostos para o caso particular do inglês); (ii) existem verbos lexicais cujas formas nuas podem entrar em construções estativas, como *kridita na Dios* ‘acreditar em Deus’, e têm, ainda assim, uma interpretação de passado (ou seja, não correspon-

descritas como passado simples passam aqui a ser descritas como *N ÷ kume pexe*, equivalente em inglês a ‘[now] I have eaten fish’ (Pratas 2010:229). A tradução para português é, naturalmente, ‘Eu comi peixe’, em que temos uma marcação morfológica de passado simples (entre outras). É ainda de ressaltar que estas leituras temporais equivalentes ao perfeito inglês não são (ao contrário do que acontece naquela língua) incompatíveis com advérbios do tipo de *onti* ‘ontem’ (*yesterday*).

Esta proposta assume que a oposição saliente em cabo-verdiano no que respeita ao aspeto gramatical é entre o Progressivo e o Perfeito, mais do que entre o Imperfeito e o Perfeito (cf. Demirdache & Uribe-Etxebarria). O Progressivo e o Perfeito são aqui vistos como categorias semanticamente complexas, que envolvem certas características temporais (Smith 1991). Além disso, esta análise assenta nos conceitos seguintes. Existem três Tempos relevantes para a construção da referência temporal numa dada frase: o Tempo da enunciação (em inglês: Speech Time, Utterance Time, entre outros), o Tempo do evento ou situação (Event Time, entre outros); e um terceiro Tempo que já foi também sujeito a diferentes etiquetas na literatura (entre os quais Assertion Time, em Demirdache & Uribe-Etxebarria 2000, 2007, 2014) – este último é o tempo acerca do qual o falante faz uma afirmação. Neste artigo, é assumida a terminologia de Klein (1994) para estes três tempos: respetivamente, Time of Utterance (TU), Situation Time (T-Sit), Topic Time (TT). É com base nestes três Tempos que as relações estabelecidas por tempo e aspeto se vão definir. Assim, o aspeto ordena um determinado TT relativamente ao tempo da eventualidade descrita (T-Sit). Esta ordenação pode ser de: (i) subsequência de TT face a T-Sit, resultando num aspeto retrospectivo/perfeito; (ii) inclusão de TT no T-Sit, resultando num aspeto progressivo; (iii) precedência de TT face a T-Sit, resultando num aspeto prospectivo. O tempo, por sua vez, é também um predicado espaço-temporal que relaciona dois intervalos: ordena o tempo da enunciação (TU) – tipicamente o ponto de perspectiva em orações matriz – relativamente ao TT. Esta relação pode ser de: (i) subsequência

dem a um perfeito universal); (iii) casos como *sabe resposta* ‘conhecer a resposta’ ou *konxe Lisboa* ‘conhecer Lisboa’ podem, sim, ser analisados como tendo uma leitura de perfeito universal; no entanto, uma proposta baseada na estrutura complexa destas eventualidades (Pratas 2012a, 2014), parece explicar melhor o significado distinto desses predicados em cabo-verdiano.

de TU face a TT, resultando no passado; (ii) algum tipo de coincidência entre TU e TT, resultando no presente; (iii) precedência de TU face a TT, resultando no futuro.¹⁹

A leitura de perfeito aqui considerada envolve dois tipos de estados decorrentes de situações localizadas no passado, estados esses cujo valor de verdade é avaliado no TT: (i) um estado resultante, que é “um estado abstrato criado pela ocorrência do evento” (Portner 2011:1230, tradução minha); este é o mesmo que “o pós- tempo da situação descrita pelos predicados” (Klein 2014:962); em cabo-verdiano, este é o caso dos predicados eventivos e de alguns estativos, mas note-se que, dependendo dos predicados em questão, este pós- tempo da situação /estado resultante tem implicações diferentes para o estado atual das coisas; (ii) um estado de resultado, que é parte da estrutura eventiva criada pelo predicado (Moens & Steedman 1988; Smith 1991); este é o caso de alguns outros estativos, como algumas instâncias específicas de *sabe* ‘saber’. Aqui, a leitura temporal está diretamente ancorada neste estado de resultado (*result state*).

Para a variedade de Santiago do cabo-verdiano obtemos assim, resumidamente, as seguintes ordenações temporais. Aspeto: (i) quando temos a forma nua do verbo, a posição do TT face ao T-Sit é de subsequência – ou seja, obtemos o equivalente ao Perfect do inglês; (ii) quando temos um marcador de progressivo, essa relação passa a ser de inclusão. Tempo: (i) *-ba* desencadeia, respetivamente, o equivalente ao Past Perfect do inglês e o Progressivo Passado; (ii) na ausência de *-ba* obtemos, respetivamente, o equivalente ao Present Perfect do inglês e o Progressivo Presente; a leitura de presente resulta aqui de uma inferência pragmática – na ausência do marcador de passado, assume-se que o TT coincide com o TU. Esta análise não se aplica aos estados cujas formas nuas têm sempre uma leitura de presente, como *sta duenti* ‘star doente’ (stage-level) ou *e altu* ‘ser alto’ (individual-level), e também não a modais como *pode* ‘poder’ ou *debe* ‘dever’ – ao contrário de *sabe* ‘know’, estes outros estados não parecem ter uma estrutura interna complexa. Mais uma vez, a sua leitura de presente resulta de uma inferência pragmática: na ausência do marcador de passado, assume-se que o TT coincide com o TU. A próxima secção introduz todos os dados.

¹⁹ Uma nota importante é que Demirdache & Uribe-Etxebarria usam estas relações semânticas para projetar na sintaxe uma estrutura com os nós TP e AspP. No entanto, se a proposta avançada na secção 5 estiver no caminho certo, essa estrutura não se adapta, pelo menos, à variedade de São Vicente.

4. Os dados de Santiago e de São Vicente numa perspectiva comparativa

Esta secção é meramente descritiva dos dados relevantes para uma comparação das duas variedades quanto à expressão do progressivo, como forma de apurar os elementos que intervêm na construção da referência temporal nesta língua. Os exemplos usados provêm de diversas fontes (Pratas 2007, Pratas 2012b, Brüser & Santos 2002, Swolkien 2014), tendo alguns deles sido adaptados para isolar o contraste relevante em certos passos desta descrição.

4.1 Relações comuns às duas variedades

Em (1) e (2) verificamos que a leitura das formas nuas dos verbos pode diferir conforme se trata de um tipo de estados cuja denotação envolve determinados verbos lexicais (tipicamente ‘saber’) (como em (1)), ou não (como em (2)). Esta interpretação para as formas nuas é comum às duas variedades, embora os dados aqui apresentados sejam apenas de Santiago.

- (1) *N sabe konta ti sen.* [presente]
1SG saber contar PREP cem
‘Eu sei contar até cem.’
- (2) a. *E txiga tardi.* [passado]
3SG chegar tarde
‘Ele chegou tarde.’
- b. *E kridita na spritu.* [passado]
3SG acreditar PREP espírito
‘Ele acreditou em espíritos.’

Também nas duas variedades, o morfema pré-verbal *ta* tem consequências interessantes para a leitura temporal. Veja-se os exemplos em (3) e (4), com predicados equivalentes, respetivamente, aos que temos em (1) e (2).

- (3) *N ta sabe konta ti sen.* [future]
1SG TA saber contar PREP cem
‘Eu vou ficar a saber contar até cem.’
- (4) a. *E ta txiga tardi.* [presente/future]

3SG TA chegar tarde
 ‘Ele chega tarde.’ [habitualmente; mais logo/amanhã]

b. *E ta kridita na spritu.* [presente]

3SG TA acreditar PREP espírito

‘Ele acredita em espíritos.’

Note-se que a ocorrência de *ta* força a leitura não estativa de ‘saber’, em (3): o que se obtém neste caso é a leitura *futurate* (morfologia de presente com valor temporal de futuro) de um ‘saber’ eventivo, no sentido de ‘ficar a saber’. Note-se ainda que, no contexto adequado, a forma em (4a) pode também ter uma interpretação de futuro (*futurate*). Isto não parece ser possível em (4b) (?‘ele acredita em espíritos amanhã’), que, para um verdadeiro futuro, precisa de um auxiliar temporal como *ba* ‘vai’, em *ta ba kridita* ‘vai acreditar’. Se manipularmos o contexto para obter uma leitura de futuro, o que obtemos é a conversão num predicado eventivo, um processo semelhante ao que acontece em (3). Da mesma forma, o presente de *kridita* ‘acreditar’ não tem uma leitura de habitual, mas sim de presente atual. Estas observações mostram que estamos perante um verdadeiro estativo, embora de natureza diferente de *sabe* ‘saber’.

4.2 Formas distintivas

Os exemplos que se seguem ilustram os contextos em que se verifica a variação em análise neste trabalho: a marcação de passado, que em Santiago envolve o morfema pós-verbal *-ba* e em São Vicente depende de outras estratégias. Em (5) e (6) temos, para a variedade de Santiago, exemplos equivalentes a (1) e (2), sem *ta*.

Variedade de Santiago

(5) *N sabeba konta ti sen.* [passado]

1SG saber:BA contar PREP cem

‘Eu sabia contar até cem.’

(6) a. ... *mi N odjaba algen ta faze.* [mais-que-perfeito]

1SG 1SG ver:BA alguém TA fazer

‘... eu tinha visto alguém fazer.’

b. ... *e kriditaba na spritu.* [mais-que-perfeito]

3SG acreditar:BA PREP espírito
 ‘... ele tinha acreditado em espíritos.’

Como é natural para as leituras de mais-que-perfeito, as frases em (6) precisam de um contexto mais alargado, não incluído aqui por razões de espaço e para não introduzir segmentos desnecessários nesta descrição.

Em (7) e em (8) temos o mesmo que acima, mas com *ta* – ou seja, os efeitos do morfema de passado *-ba* aplicados a exemplos equivalentes aos de (3) e (4).

- (7) *N ta sabeba konta ti sen.* [condicional]
 1SG TA saber:BA contar PREP cem
 ‘Eu saberia contar até cem.’
- (8) a. *E ta txigaba tardi.* [passado habitual/condicional]
 3SG TA chegar:BA tarde
 ‘Ele chegava tarde.’ ou ‘Ele chegaria tarde.’
- b. *E ta kriditaba na spritu.* [passado]
 3SG TA acreditar:BA PREP espírito
 ‘Ele acreditava em espíritos.’

No contexto adequado, a forma em (8a) pode ter também uma leitura condicional.

O efeito de *-ba* é idêntico em frases no progressivo, seja numa construção com o morfema pré-verbal *sata* – neste caso *-ba* apenas se afixa ao único verbo da frase (9b) –, seja numa variante desta, muito comum também em Santiago mas em meios mais urbanos: auxiliar *sta + ta + V* (10b) – neste caso, *-ba* afixa-se nos dois verbos, o auxiliar e o verbo lexical:

- (9) a. *Miriam, bu sata kume bolu antis di djanta?* [presente]
 Miriam, 2SG PROG comer bolo antes de jantar
 ‘Miriam, estás a comer bolo antes de jantar?’
- b. *Miriam, bu sata kumeba bolu antis di djanta?* [passado]
 Miriam, 2SG PROG comer:BA bolo antes de jantar
 ‘Miriam, estavas a comer bolo antes de jantar?’

- (10) a. *N sta ta fla-u pa-u bai undi-m.* [presente]
 1SG STA TA dizer-2SG para-2SG ir onde-1SG
 ‘Eu estou a dizer-te para me ires visitar.’
- b. *N staba ta flaba bo pa-u bai undi-m.* [passado]
 1SG STA:BA TA dizer:BA 2SG para-2SG ir onde-1SG
 ‘Eu estava a dizer-te para me ires visitar.’

Variedade de São Vicente

Aqui, na ausência de *-ba*, observamos estratégias distintas para obtenção dos diferentes passados. Dois dos casos envolvem formas supletivas provenientes do português (Swolkien 2014): para uma frase equivalente a (5), temos *sabia*; para as frases equivalentes a (6a) e (6b), temos *tinha* + forma participial, em construções perifrásticas bastante semelhantes à do português. Os outros dois casos – passado habitual e passado progressivo – envolvem morfemas específicos desta variedade, cuja análise ainda está por fazer (este artigo avança apenas a linha que pretendo seguir na futura exploração de hipóteses). Veja-se o exemplo (11), em que o passado habitual (equivalente a (8a)) é obtido com os morfemas pré-verbais *táva* ou *tá* (com o som [ta], diferente de [tə], do *ta* de presente habitual, conforme descrito em Swolkien 2014).

- (11) *N táva / tá trabalha parmanhan.*
 1SG TÁVA / TÁ trabalhar de.manhã
 ‘Eu trabalhava de manhã.’

Para esta variedade, os exemplos em (12) ilustram o progressivo presente ((12a), que é possível com os morfemas pré-verbais *tita* ou *tite*) e o progressivo passado (em (12b), que pode ter os morfemas pré-verbais *tá ta / táva ta* ou *tá te / táva te*).

- (12) a. [...] *bo tita miá asin?*
 2SG TITA miar assim
 ‘[...] estás a miar assim?’
- b. *Kes tropa táva te kore.*
 DET tropa TÁVA TE correr
 ‘As tropas estavam a correr.’ (Swolkien 2015:201, 205)

A marcação de passado não parece aqui, portanto, tão linear como o que ocorre na variedade de Santiago. Temos o que podia parecer um morfema de passado, *va*, mas acontece que ele não se afixa no verbo, surgindo antes agregado a outros morfemas (e modificando-os) que têm um valor de habitual ou de progressivo. Ou seja, não parece um típico marcador verbal, mas sim um elemento modal ou aspetual que contribui para a interpretação temporal. Veremos isto em pormenor na secção seguinte.

5. Pontos para uma futura análise integrada das duas variedades

Antes de passar à discussão das hipóteses de análise para este fenómeno de variação, a Tabela 1 recupera grande parte das combinações morfológicas descritas na secção anterior. Na variedade de Santiago aqui ilustrada o morfema *-ba* parece mudar o Topic Time (TT) para o passado em todos estes casos, enquanto na variedade de São Vicente as leituras de passado resultam de diferentes combinações.²⁰

Tabela 1: Leitura temporal para os diferentes morfemas combinados com predicados eventivos

	tempo aspeto	presente	passado
variedade de Santiago	perfeito	\emptyset V	\emptyset V- <i>ba</i>
	progressivo	<i>sata</i> V	<i>sata</i> V- <i>ba</i>
		<i>sta ta</i> V	<i>staba ta</i> V- <i>ba</i>
habitual	<i>ta</i> V	<i>ta</i> V- <i>ba</i>	
variedade de São Vicente	perfeito	\emptyset V	<i>tinha</i> participío
	progressivo	<i>tita</i> V / <i>tite</i> V	<i>tá te</i> V / <i>táva te</i> V
	habitual	<i>ta</i> V / <i>te</i> V	<i>tá</i> V / <i>táva</i> V

Visualizar estas diferentes associações morfológicas permite-nos o acesso mais imediato à informação que sustenta as dúvidas que se seguem.

5.1 As questões que estes dados levantam

²⁰ A combinação aqui descrita como correspondendo à leitura de presente habitual também pode ocorrer em contextos que parecem mais próximos do presente progressivo. Esta observação precisa de ser melhor testada, de modo a apurar se estes contextos terão uma interpretação de ‘presente atual’.

Qual é o elemento responsável pela marcação de passado na variedade de São Vicente? Será que *táva* pode ser considerado como *ta + va* (passado)? Embora a hipótese que emerge desta questão pareça atraente – ambas as variedades têm um morfema de passado, *-ba* em Santiago, *va* em São Vicente –, ela depara-se com uma série de problemas. Um deles é que parece existir uma variação verdadeiramente opcional entre *táva* e *tá*, ambos com valor de passado. Para dar conta disto, poderíamos então propor que o morfema de passado *va* desencadeia uma mudança fonológica da vogal em *ta*, que se mantém depois, mesmo na forma reduzida *tá* (sem *va*)? Isto é, ficaria sempre um traço específico de passado, visível em *tá* precisamente porque esta vogal aberta indicia que o *va* esteve/está lá?

Um problema de mais difícil solução, no entanto, consiste precisamente no facto de este eventual morfema de passado ter de se afixar obrigatoriamente num outro morfema modal (*ta*, no caso das leituras habituais) ou aspetual (*tita* ou *tite*, no caso das leituras de progressivo), em vez de se associar ao verbo. Isto não só é visível nas construções em que ele ocorre – **tante** em (11) **como** e em (12b) vemo-lo agregado aos marcadores de habitual e de progressivo, respetivamente –, como se torna evidente naquelas em que ele não ocorre, sendo o valor de passado aí obtido através de outras estratégias. Este é o caso do que, para a variedade de Santiago, foi acima analisado como equivalente ao Past Perfect em inglês; ele é, nesta variedade e para os predicados eventivos, construído com *tinha*, forma supletiva do auxiliar português, combinada com formas provenientes dos participípios do português muito frequentes nesta variedade, como *limitód* ('limitado') ou *bibid* ('bebido') (Swolkien 2014:189). E aqui, como daríamos conta da codificação morfossintática específica para tempo? A hipótese mais coerente é que, na ausência de um outro morfema lexicalizado na frase – ou seja, na presença apenas de um morfema nulo que marca um valor de perfeito (cf. secção 3.2) –, o eventual morfema *va* não tem um hospedeiro a que se afixar, pelo que surgem as formas supletivas. Esta é mais uma razão para considerar que este elemento, *va*, não tem um comportamento típico de marcador verbal de tempo.

Assim, a proposta que fica como a mais promissora para os trabalhos futuros é a de que não é possível encaixar numa estrutura complexa um item lexical específico de tempo para a variedade de São Vicente. O contraste com o comportamento de *-ba*, na variedade de Santiago, leva à conclusão de que estamos perante um fenómeno

muito interessante de variação, que vale a pena ser estudado em grande pormenor. Note-se que, a propósito de léxico e da evolução da variedade de São Vicente, Swolkien (2014) aponta uma influência de traços do português – influência recente, entenda-se, uma vez que a intervenção original é inerente à condição de ‘língua crioula de base lexical portuguesa’ –, e refere que alguns traços da variedade de Sotavento se perderam. Esta perda, acrescenta, “levou a uma maior multifuncionalidade de marcadores e reforçou o papel dos advérbios na determinação de tempo e aspeto” Swolkien (2014:257, tradução minha). Também as implicações desta observação serão exploradas em análises futuras destes fenómenos.

5.2 *Que tipo de variação é este?*

Na sequência da conjectura Borer-Chomsky (ver segundo pressuposto, na secção 2), e como é referido em Fábregas *et al* (2015), numa abordagem lexicalista espera-se que haja duas principais fontes de variação linguística: (i) presença vs. ausência de um dado núcleo funcional F; e (ii) presença vs. ausência de determinado traço ou conjunto de traços associados ao núcleo funcional F. Mais concretamente quanto à variação intra-individual (quando o mesmo falante opta por uma ou por outra das variantes disponíveis), Adger & Smith (2010) propõem que ela tem duas dimensões, podendo envolver (a) variação na especificação desses mesmos traços (uma das variantes temnos, outra não) e/ou (b) uma subespecificação no mapeamento entre estas categorias funcionais e as formas morfológicas. O que temos em (a) modela a chamada variação ‘paramétrica’; o que temos em (b) modela o tipo de variação habitualmente captado pela noção de variável linguística (Labov 1994, 2000) (Adger & Smith 2010:1109).

Assim, as hipóteses para explicar esta variação em cabo-verdiano são:

1. o núcleo funcional T é projetado numa variedade e não noutra; ou
2. sendo o núcleo funcional T projetado nas duas variedades, ele pode exibir um conjunto de traços numa das variedades e não noutra.

Já a variação intra-individual pode então resultar dessa variação na especificação dos traços, ou da subespecificação no mapeamento entre esta categoria funcional e as formas morfológicas disponíveis, deixando aos falantes a liberdade de opção por uma ou por outra. Uma questão que aqui fica em aberto é a seguinte: quando se verifica 1, não pode ocorrer variação intra-individual? A conjectura que agora parece ra-

zoável é que não, não pode. Concretizando melhor, se esta hipótese de verificasse – isto é, se uma das variedades projetar T e a outra não –, será necessário também confirmar se um determinado falante de uma delas terá acesso opcional à marcação de passado disponível na outra. É assim muito estimulante acreditar que podemos também vir a perceber o que é que motiva escolhas individuais dos falantes, tendo em conta que algumas variantes disponíveis estão mais próximas do português.

Quanto à proposta de que, pelo menos numa das variedades do cabo-verdiano, T não é projetado – à semelhança do que foi proposto por outros autores para outras línguas e contribuindo assim para pôr em causa a universalidade desta categoria funcional –, um diagnóstico que fica desde já avançado é que essa projeção não parece necessária por outras razões sintáticas que não a expressão de tempo. Isto é verdade, aliás, para ambas as variedades aqui documentadas. Os exemplos abaixo seguem três dos diagnósticos propostos em Lin (2012) para o mandarim. Por um lado, em cabo-verdiano não existe distinção morfológica entre formas finitas e não finitas, como se vê em (13), com uma construção modal e uma de controlo – o verbo encaixado tem uma forma equivalente à forma nua (as frases aqui incluídas são da variedade de Santiago, mas em São Vicente comportam-se da mesma maneira).

- (13) a. *N pode **papia** ku bo.*
 1SG poder falar PREP 2SG
 ‘Eu posso falar contigo.’
- b. *N kre **papia** ku bo.*
 1SG querer falar PREP 2SG
 ‘Eu quero falar contigo.’

Além disto, não parece existir qualquer outra razão sintática a denunciar a posição de Spec,TP. Nenhuma das variedades dispõe de sujeitos expletivos, lexicalizados ou nulos (mais uma vez, os exemplos aqui são de Santiago, mas as frases equivalentes em São Vicente comportam-se da mesma forma quanto à inexistência de sujeito).

- (13) a. *Sata txobe na Lisboa.*
 PROG chover PREP Lisboa
 ‘Está a chover em Lisboa.’

- b. *Ten tres katxor na nha rua.*
 ter três cão PREP POSS.1SG rua
 ‘Há três cães na minha rua.’

Finalmente, pelo menos na variedade de Santiago (estes contextos ainda precisam de ser testados na variedade de São Vicente) também não existe qualquer distinção morfológica de caso nominativo, pelo que nem esse potencial argumento pode ser utilizado para denunciar, de forma independente, a projeção TP – note-se que, em (14), o pronome de sujeito da frase matriz é *-u*, um clítico de segunda pessoa do singular que costuma ocorrer também na posição de objeto (e nesse caso o seu hospedeiro, à esquerda, é o verbo). O que se passa aqui é que o clítico, apesar de desempenhar a função sintática de sujeito, tem igualmente um hospedeiro disponível à sua esquerda, *dja* (esta afixação à esquerda do clítico de sujeito ocorre com outras palavras, como o complementador *ma* ‘que’ ou a preposição *pa* ‘para’, entre outras). Não se pode assim dizer que exista uma diferença morfológica entre o caso nominativo e os casos acusativo ou dativo (as diferentes formas que o clítico assume são antes motivadas pelo contexto morfofonológico), pelo que fica por demonstrar, também por esta via, a existência da projeção sintática TP.

- (14) *Dja-u sabe ma Djon ta konta kasi tudu dia.*
 DJA-2SG saber COMP Djon TA contar mentira todo dia
 ‘Já sabes que o Djon mente todos os dias.’

Nesta secção, as hipóteses de análise, em confronto com os dados, parecem delinear um caminho a seguir no futuro. Cumulativamente, também algumas questões relativas a outros aspetos relacionados com este fenómeno de variação linguística vão ficando cada vez mais claras. Elas são enunciadas na secção seguinte.

6. Questões em aberto

Uma das questões muito interessantes a enfrentar num futuro próximo diz obviamente respeito ao domínio sintático da língua, em particular da variedade de São Vicente (embora a análise desta esteja sempre a par com a da variedade de Santiago, pelo que

as hipóteses a adotar terão de dar conta das duas): se não existe TP, o que é que temos na estrutura funcional da frase? É esta encabeçada por IP, de Inflection Phrase, à semelhança do que é proposto em Ritter & Wiltschko (2014) para diferentes línguas nativas da América? As autoras defendem que Infl é a categoria universal responsável pela ancoragem do evento na situação de enunciação, e que esse processo pode resultar de outros traços que não são de tempo - podem ser, por exemplo, auxiliares locativos ou elementos nominais. Neste caso, será necessário confirmar o que se passa com outros aspetos da morfossintaxe da língua, para verificar se alguns outros elementos (que não tempo) podem, também aqui, garantir a ancoragem do evento na situação de enunciação.

Outras questões são do âmbito da sociolinguística, e está previsto que elas sejam abordadas de forma concreta em trabalhos futuros, na sequência da realização de entrevistas e inquéritos especificamente planeados para o efeito: (i) qual é a verdadeira distribuição das variantes acima descritas? (ii) existe variação intra-individual? (iii) se sim, existem fatores extra-linguísticos, tais como diferentes atitudes linguísticas, envolvidos na escolha dos falantes, uma vez que algumas dessas escolhas podem implicar maior proximidade com o português, a língua do colonizador?

As outras estratégias (e existem outras, de facto) para denotar os valores de habitual e de progressivo no presente e no passado deverão ser também descritas e analisadas. De facto, não sendo o cabo-verdiano ainda uma língua oficial (os planos nesse sentido ainda não se concretizaram), a variação e mudança acontecem sem grandes contrariedades externas, o que converte a situação linguística no país num laboratório fascinante. Por todas estas razões, entre os benefícios que se espera obter destes estudos estará também, seguramente, uma contribuição significativa para o nosso melhor entendimento da expressão de tempo nas línguas naturais.

Referências

- Adger, David & Jennifer Smith. 2010. "Variation in agreement: A lexical feature-based approach." *Lingua* 120: 1109–1134.
- Alexandre, Nélia. 2009. *Wh-constructions in Cape Verdean Creole: extensions of the copy theory of movement*. Ph.D. dissertation, University of Lisbon.
- Alexandre, Nélia, Inês Duarte & Tjerk Hagemeijer. 2013. "Verb movement in creole languages? A comparison of Kabuverdianu and Kriyol." SPCL 2013, Lisbon.

- Baker, Mark. 2008. "The macroparameter in a microparametric world." In *The limits of variation*, ed. Teresa Biberauer, 351–373. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Baptista, Marlyse. 2002. *The Syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Berwick, Robert & Noam Chomsky. 2011. "The Biolinguistic Program." In *New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, eds. Anna Maria DiSciullo & Cedric Boeckx, 19–41. Oxford: Oxford University Press.
- Bickerton, Derek. 1981. *Roots of Language*. Karoma Publishers.
- Bickerton, Derek. 1984. "The Language Bioprogram Hypothesis." *The Behavioral and Brain Sciences* 7:173–188.
- Bittner, Maria. 2005. "Future discourse in a tenseless language." *Journal of Semantics* 22: 339–387.
- Boeckx, Cedric. 2015. *Elementary syntactic structures: Prospects of a feature-free syntax*. Cambridge: Cambridge University Press
- Borer, Hagit. 1984. *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Brüser, Martina & André dos Reis Santos, com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang. 2002. *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde) com equivalentes de tradução em alemão e português*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Chomsky, Noam. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2004. "Beyond explanatory adequacy." In *Structures and Beyond*, ed. Adriana Belletti, 104–131. New York: Oxford University Press.
- Chomsky, Noam. 2001. "Derivation by phase." In *Ken Hale: A life in language*, ed. Michael Kenstowicz, 1–52. Cambridge: MIT Press.
- Demirdache, Hamida, and Myriam Uribe-Etxebarria. 2000. "The primitives of temporal relations." In *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, ed. Roger Martin, David Michaels & Juan Uriagereka, 157–186. Cambridge: MIT Press.
- Demirdache, Hamida, and Myriam Uribe-Etxebarria. 2007. "The syntax of time arguments." *Lingua* 117: 330–366.
- Enç, Mürvet. 1987. "Anchoring conditions for Tense." *Linguistic Inquiry* 18(4): 633–657.
- Fábregas, Antonio, Jaume Mateu & Michael T. Putnam. 2015. "'Parameters' in linguistic theory: What, where, and how." In *Contemporary Linguistic Parameters*, eds Antonio Fábregas, Jaume Mateu & Michael T. Putnam, 3–24. London/New York: Bloomsbury Publishing.

- Fitch, W. Tecumseh. 2011. "Unity and diversity in human language." *Philosophical Transactions of the Royal Society* 366, 376–388.
- Jacobs, Bart. 2010. "Upper Guinea Creole: evidence in favor of a Santiago birth." *Journal of Pidgin and Creole Languages* (25)2: 289–343.
- Klein, Wolfgang. 1994. *Time in language*. London: Routledge.
- Klein, Wolfgang. 2010. "On times and arguments." *Linguistics* 48: 1221–1253.
- Klein, Wolfgang. 2014. "Is aspect time-relational? Commentary on the paper by Jürgen Bohnemeyer." *Natural Language & Linguistic Theory*, 32(3): 955–971.
- Kratzer, Angelika. 1998. "More structural analogies between pronouns and tenses." In *Proceedings of SALT VIII*. Ithaca, New York: CLC Publications, Cornell University. DOI: <http://dx.doi.org/10.3765/salt.v8i0.2808>
- Labov, William. 1969. "Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula." *Language*, 45(4), 715–762.
- Lin, Jo-Wang. 2010. "A tenseless analysis of Mandarin Chinese revisited: a response to Sybesma 2007." *Linguistic Inquiry* 41(2): 305–329.
- Lin, Jo-Wang. 2012. "Tenselessness." In *Oxford Handbook in Linguistics: Tense and Aspect*, ed. Robert I. Binnick, 669–695. Oxford: Oxford University Press.
- Matthewson, Lisa. 2004. "On the methodology of semantic fieldwork." *International Journal of American Linguistics* 70:369–415.
- Matthewson, Lisa. 2006. "Temporal semantics in a superficially tenseless language." *Linguistics and Philosophy* 29(6) 673–713.
- Moens, Marc, & Mark Steedman. 1988. "Temporal ontology and temporal reference." *Computational Linguistics* 14(2): 15–28.
- Ogihara, Toshiyuki. 1996. *Tense, Attitudes and Scope*. Dordrecht: Kluwer.
- Portner, Paul. 2011. "Perfect and progressive." In *Semantics: An international handbook of natural language meaning*, eds. Claudia Maienborn, Klaus von Stechow & Paul Portner, 1217–1261. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Pratas, Fernanda. 2007. *Tense Features and Argument Structure in Capeverdean Predicates*. Ph.D. dissertation, Universidade Nova de Lisboa.
- Pratas, Fernanda. 2010. "States and temporal interpretation in Capeverdean." In *Romance languages and linguistic theory 2008*, eds. Reineke Bok-Bennema, Brigitte Kampers-Manhe & Bart Hollebrandse, 215–231. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Pratas, Fernanda. 2012a. "I know the answer': a Perfect State in Capeverdean." In *Romance Languages and Linguistic Theory 2010*, eds. Irene Franco, Sara Lusini & Andrés Saab, 65–86. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Pratas, Fernanda. 2012b. CV Words: oral data from Cape Verde. <http://cvwords.org/>

- Pratas, Fernanda. 2014. "The Perfective, the Progressive and the (dis)closure of situations: comment on the paper by María J. Arche." *Natural Language & Linguistic Theory*, 32(3): 833–853.
- Ritter Elizabeth & Martina Wiltschko. 2014. "The composition of INFL: An exploration of tense, tenseless languages, and tenseless constructions." *Natural Language and Linguistic Theory* 32:1331–1386.
- Silva, Izione Santos. 1985. *Variation and Change in the Verbal System of Capeverdean Crioulo*. Ph.D. dissertation, Georgetown University, Ann Arbor.
- Silva, Izione Santos. 1990. "Tense and Aspect in Capeverdean Crioulo." In *Pidgin and Creole Tense-Mood-Aspect Systems*, ed. John Victor Singler, 143–168. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Smith, Carlota. 1991. *The Parameter of Aspect*. New York: Kluwer.
- Stowell, Tim. 1996. The phrase structure of Tense. In *Phrase Structure and the Lexicon*, ed. Johan Rooryck & Laurie Zaring, 277–291. Berlin: Springer.
- Suzuki, Miki. 1994. "The markers in Cape Verdean CP." Unpublished manuscript, CUNY.
- Sybesma, Rint. 2007. "Whether we Tense-agree overtly or not." *Linguistic Inquiry* 38(3): 580–587.
- Swolkien, Dominika. 2014. *The Cape Verdean Creole of São Vicente: its genesis and structure*. Ph.D. dissertation, Universidade de Coimbra.
- Tavares, Bernardino. 2012. *The Verbal System of the Cape Verdean Creole of Tarrafal, Santiago: A Semantic Analysis of the Tense, Mood and Aspect Markers*. MA dissertation, Universidade de Coimbra.
- Tonhauser, Judith. 2011. "Temporal reference in Paraguayan Guaraní, a tenseless language." *Linguistics and Philosophy* 34: 257–303.
- van de Vate, Marleen. 2011. *Tense, Aspect and Modality in a radical creole: The case of Saamáka*. Ph.D. dissertation, University of Tromsø.
- Zagona, Karen. 2002. Tenses and anaphora: Is there a tense-specific theory of coreference? In *Anaphora: An Overview*, ed. Andrew Barss, 140–171. Oxford, UK and Cambridge, MA: Blackwell Publishers.